

Conversa com Anacreonte: uma original apropriação clássica
Conversation with Anacreonte: an original classic appropriation

Rafael Frate¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma breve introdução e tradução de um dos mais significativos poemas de Mikhail Lomonósov, sua “Conversa com Anacreonte”. Apropriação e subversão da poesia anacreônica, a *Conversa* é uma mistura de tradução e poesia original poucas vezes vistas na poesia russa. Respondendo com suas próprias composições a quatro poemas traduzidos da Anacreônica, uma coletânea produzida no período alexandrino atribuída ao poeta lírico do século VI a.C., Anacreonte de Teos, Lomonósov expõe sua profissão poética de uma maneira original e engenhosa.

Palavras-chave: Lomonósov; Anacreônicas; Século XVIII; poesia russa; tradução poética.

Abstract: The following article presents a brief overview and a translation of one of Mikhail Lomonosov’s most significant poetic works, his *Conversation with Anacreon*. An appropriation and subversion of anacreontic poetry, *Conversation* is a mixture of translation and original poetry rarely seen in Russian poetry. Responding with his own poems to four translated poems taken from the *Anacreontea*, a late Alexandrian collection attributed to 6th C. B.C. Greek lyric poet Anacreon of Teos, Lomonosov expounds his poetic credo in an original and skilful way.

Keywords: Lomonosov; *Anacreontea*; 18th Century; Russian poetry; poetic translation.

O principal influxo cultural que levou à formação da literatura russa em meados do século XVIII, sem dúvida se deu por meio da imitação de autores gregos e romanos. Traduzir, imitar e emular autores provenientes da tradição clássica greco-latina foi prática central na formação das letras de todas as línguas europeias modernas que passaram por um “renascimento”. Na Rússia, a prática foi retardada até a chamada “revolução petrina”, que buscou na imagética imperial romana, sobretudo a augustana, formas de representação de poder em contraposição à cultura eclesiástica ortodoxa, considerada atrasada, obscurantista e ignorante. Encontrar uma perspectiva moderna, tecnológica e cientificamente progressista e culturalmente europeia, significava passar por um resgate da Roma pagã imperial.

Um dos principais produtos da revolução cultural promovida na época petrina foi a fundação de uma língua russa moderna. A imposição de Pedro I por uma “língua simples”, coloquial, para a produção de novos textos, traduzidos ou inéditos, e a criação de um alfabeto

¹ Doutorando em Letras Clássicas pela FFLCH – USP.

civil que simplificava o cirílico tradicional, restringindo seu uso a contextos eclesiásticos, foram dois fatores que iniciaram o estabelecimento do vernáculo moscovita como língua moderna de prestígio. A produção de conteúdo literário ficou a cargo da primeira geração dos novos escritores, a maior parte dos quais intercambistas em diversos países europeus, e se dava principalmente pela imitação de autoridades literárias da tradição clássica.

Este breve artigo propõe analisar e traduzir uma peça do talvez principal autor dessa geração, Mikhail Lomonósov, que faz uma originalíssima apropriação de um autor clássico, Anacreonte, em um texto que pratica uma mistura dos conceitos de tradução e emulação poucas vezes vista na literatura russa.

I.

A apropriação de autores clássicos foi a principal forma de produção literária realizada nos primeiros anos da formação da literatura russa. Dentre os autores apropriados, o que mais exerceu influência sobre os primeiros poetas russos foi Anacreonte, ou melhor dizendo, a coletânea de poemas de matéria erótica, simposial ou reflexiva com respeito à velhice e brevidade da vida escrita entre os séculos I e VI d.C., atribuída tradicionalmente ao poeta grego de Teos, do séc. VI. a.C. Anacreonte foi um dos nove líricos que receberam edições alexandrinas e, a julgar pela quantidade de anedotas e historietas que tratam de sua vida, muitas vezes em relação com outros poetas do cânone lírico como Safo de Lesbos, foi uma das maiores autoridades poéticas antigas, possivelmente prefigurando o que entendemos hoje por poesia lírica.

O prestígio do poeta era tanto que engendrou inúmeras imitações no decorrer dos séculos, e estas imitações acabaram suplantando as composições originais, sendo por fim atribuídas ao imitado. A coleção foi reunida provavelmente por um editor bizantino que as atribuiu ao velho poeta grego já no título.² As Anacreônicas estão contidas no manuscrito da famosa Antologia Palatina, códice descoberto em Heidelberg em 1605, mas foram pela primeira vez editadas em 1554 pelo francês Henri Estiënne (Henricus Stephanus), provindas de um manuscrito hoje obscuro.³ Apresentando-as com traduções para o latim de grande parte dos poemas da coleção, Estiënne manteve a atribuição espúria ao poeta de Teos, que perdurou, ainda que com algumas poucas contestações, até meados do século XVIII.⁴ Em sua edição,

² ΑΝΑΚΡΕΟΝΤΟΣ ΘΗΙΟΥ ΣΥΜΠΟΣΙΑΚΑ ΗΜΙΑΜΒΙΑ; Hemiambos simposiais de Anacreonte de Teos.

³ Ἀνακρέοντος Τηίου μέλη. Anacreontis Teij odae. Ab Henrico Stephano luce & Latinitate nunc primum donatae. Lutetiae, 1554.

⁴ Houve quem contestasse a atribuição a Anacreonte já da publicação da primeira edição de Stephanus. Tal é a atribuição do filólogo Francesco Robortello (1516-1567), que já no ano seguinte contestaria a atribuição de todos os poemas da coleção. Cf. Drage, 1962, p. 115.

muitas mudanças arbitrárias foram feitas com relação à ordem dos poemas, não sendo essa, portanto, a que se apresenta no manuscrito supérstite. Tal ordem, entretanto, manteve-se em edições posteriores.⁵

A coletânea foi, em todo caso, extremamente popular e seus poemas breves, monométricos de linguagem simples e direta, tratando de temas universais, como amor, vinho, brevidade, música, se fizeram um modelo perfeito para poetas compondo em línguas vernáculas modernas emularem. Até o fim do séc. XVII, havia traduções integrais da coleção para o inglês, o francês, o italiano e o holandês. Ainda no séc. XVII, sai uma nova edição publicada pela eminente classicista Anne Dacier. Esta edição,⁶ publicada pela primeira vez em 1681 e republicada e expandida em 1716 foi uma das mais populares durante o século XVIII, tendo sido responsável por divulgar a coleção para terras em que os estudos clássicos não estavam ainda muito desenvolvidos. Uma dessas terras foi a nova Rússia imperial.

II.

O Império Russo estabelecido por Pedro o Grande em 1721 era uma terra fértil para a introdução de autores antigos do cânone clássico. Na renascença tardia estimulada pelas determinações do primeiro imperador, o uso de autores clássicos foi uma novidade que se fazia indispensável em um contexto político que buscava na imagética imperial romana a inspiração para afirmar-se enquanto nação dentro do contexto europeu. Ela era parte importante da ideologia conhecida por *translatio imperii*, ou transposição imperial, em que o primeiro império da história humana é trasladado em seu espírito para outro estado de forma a conferir-lhe prestígio e autoridade.⁷ Não à toa, o gênero mais trabalhado nos primeiros dois terços do século foi a ode solene, tipo poético que celebrava ocasiões cerimoniais específicas que ocorrem no reinado de um monarca, como nascimentos, casamentos, ascensões ao trono, vitórias militares etc.

A ode solene teve como modelo principal o poeta tebano do século V a.C., Píndaro, o poeta lírico grego de que mais temos registros. Seus epinícios, ou cantos que celebravam as vitórias de tiranos particulares do mundo grego nos quatro jogos pan-helênicos principais,

⁵ Martin West em sua edição Teubneriana (West, 1984) mantém a mesma ordem como encontrada no Códice Palatino.

⁶ *Les poésies d'Anacreon et de Sappho, traduites em François, avec des remarques, par Madame Dacier Nouvelle Edition aumengté des notes latines de Mr Le Fevre, Amsterdam, 1716.*

⁷ Para um bom panorama sobre a *translatio imperii* na Rússia petrina, cf. Baehr, 1978. Para leituras da Roma Imperial nos principais autores, cf. Kahn, 1993.

foram celebrados por diversos autores europeus como exemplo máximo de elevação solene para a celebração de feitos particulares de grandes personalidades. O caráter obscuro, a linguagem difícil e intrincada dessas odes garantiu ao nome do tebano um aspecto misterioso, oculto, quase inacessível, de um poeta, enfim, mais venerado do que lido.⁸

Tal aspecto chegou à Rússia e o modelo pindárico se estabeleceu para esses poemas que celebravam os feitos e solenidades de monarcas, mesmo que o autor modelar não fosse diretamente lido e imitado. A ode solene guardava, entretanto, o caráter de elevação e transporte que dava fama às odes pindáricas, e este foi o principal gênero poético praticado pelos autores da primeira geração. Mikhail Lomonósov, provavelmente o maior deles, se estabeleceu como o autor russo de odes laudatórias por excelência e foi alcunhado por uma série de outros escritores, rivais ou seguidores, do modo mais eloquente possível: o Píndaro russo.⁹ O espectro pindárico, portanto, rondava a cena poética oitocentista russa sempre que se falava em poesia laudatória, mas e quando outros gêneros, mais baixos, que tratassem de temas mais pessoais, ligeiros, eram buscados? O modelo principal da poesia ligeira, de temática amorosa e simposial caiu no domínio das Anacreônticas.

O primeiro autor russo a fazer uso delas foi o pioneiro Antiokh Kantemir (1708-1744). Poeta de transição, escrevendo sobretudo na forma silábica da tradição eslavônica sátiras que promoviam a nova cosmovisão petrina e fazendo troça do obscurantismo reacionário do clero ortodoxo, Kantemir foi um dos primeiros autores russos a usar extensivamente a tradição clássica greco-latina. Suas sátiras bebem da fonte romana de Horácio e Juvenal e seus poemas ligeiros e canções amorosas, das Anacreônticas. Kantemir foi também um tradutor bastante prolífico, deixando obras como a primeira tradução de um livro antigo integralmente apresentado, as Epístolas de Horácio. Sua tradução das Anacreônticas foi também um ponto importante de sua obra, que infelizmente permaneceu perdido por mais de um século. Por sua ligação formal com o passado, ainda que tratasse de temas modernos e eticamente avançados, Kantemir entrou para a história como um poeta que ficou para trás.

⁸ Ou como pôs Voltaire: *Toi qui modulast savamment / Des vers que personne n'entend / Et qu'il faut toujours q'on admire*. (Tu que modulaste com habilidade / versos que ninguém entende / e que todos precisam sempre admirar). Apud HAMILTON, 2003, p. 2.

⁹ Cf., por exemplo, o verso de seu maior rival, Sumarókov: *он наших стран Малгерб, он Пиндару подобен* (Eleé nosso Malherbe, a Píndaro é semelhante). Contido na Epístola II (Sobre a versificação) v. 402.

Mas as Anacreônicas foram um modelo mais popular no último terço do século. Nesse momento, sem dúvida, tais poemas foram os mais utilizados do cânone clássico, sendo praticados por quase todos os poetas russos que nos chegaram. O destaque recai, naturalmente, em Derjávín, talvez o poeta mais importante do século. Derjávín foi poeta anacreônico por excelência, tendo uma famosa coleção publicada no início do XIX, chamada *Anakreontítcheskie Piêśni* (Canções Anacreônicas). Nela são reunidas suas principais odes de tema não somente amoroso, simposial e reflexivo, mas também laudatório, celebrando monarcas e figuras de poder, como no caso da ode a Alexandre I.¹⁰ O interesse da coleção se dá principalmente na mistura genérica e elocutiva que começa a dissolver as rígidas separações genéricas como praticadas nas primeiras gerações do XVIII e que seria plenamente desenvolvida alguns anos mais tarde com a obra de Púchkin. Mas aqui tratamos de um momento e um autor anterior: do Píndaro russo e de seu uso particular das Anacreônicas.

Lomonóssov, como todos os outros autores russos do XVIII, fez uso da coletânea, tanto em simples traduções, como em apropriações para composições próprias. A tradução de um dos poemas da coletânea foi um de seus primeiros experimentos poéticos, datando de 1738, portanto, um ano antes da famosa “Ode à Ana Ioánovna” sobre a Tomada de Khotin aos Turcos, escrita na Saxônia em 1739, e enviada para a Academia de Ciências de S. Petersburgo, juntamente com a carta que fundaria formalmente a poesia russa, a “Carta sobre as Regras da Versificação Russa”¹¹. A tradução do poema 1 da coleção (23 West), datada de 1738, era uma prévia das ideias poéticas de Lomonóssov e prefigura o sistema sílabo-tônico que seria teorizado um ano depois na “Carta”. Esse mesmo poema traduzido seria o germe de outra apropriação das Anacreônicas, datado do fim da vida do polímata, mas agora uma produção original e talvez o poema mais representativo das posições poéticas e também éticas defendidas por Lomonóssov, a “Conversa com Anacreonte”.

III.

“Conversa com Anacreonte” é um poema de extensão média que consiste na tradução de quatro odes anacreônicas, intercaladas com poemas originais de Lomonóssov, como que rebatendo agonisticamente o conteúdo de cada uma dessas traduções. Publicado pela primeira vez na terceira edição póstuma do polímata, de 1784, o poema é de datação incerta e quase não

¹⁰ Ode 2 *Na rojdiêníe v síevére porfiroródnogo ôtroka*. Sobre o nascimento no norte do rebento porfirógêneta.

¹¹ Para uma tradução e estudo cf. Frate, 2016.

foi conhecido enquanto seu autor viveu.¹² A numeração das traduções na obra vem da edição de madame Dacier, usada por Lomonóssov e pela maioria dos autores russos que trabalharam com as Anacreônicas.¹³ São os poemas 1, 23, 11 e 28,¹⁴ que mostram um pouco da maestria tradutória do polímata juntamente com sua habilidade emulativa na capacidade de se aproveitar de um texto modelar na criação de um original.

Cada uma das respostas de Lomonóssov contradizem as odes de Anacreonte, que geralmente trata de temática amorosa. Na primeira, que também abre a coleção de Dacier (23 West), temos o mote da cosmovisão anacreônica: queria eu cantar heróis, mas a lira só me faz cantar amor. A lira anacreônica (*bárbuton* no original) é substituída por *gúslí*, instrumento de cordas tradicional da eslávia oriental similar a uma harpa,¹⁵ mas além dessa adaptação, comum entre os russos, não são feitas adaptações muito significativas. Lomonóssov se mantém bastante fiel à semântica do original na melhor tradição da tradução poética praticada até então: um metro analógico, mantendo o mesmo número de sílabas do original e rimas. As rimas dispostas em tonicidade alternada e acrescentadas de acordo com os preceitos da Carta.

Na resposta de Lomonóssov temos a primeira contradição ideológica, produzida formalmente por um espelhamento linguístico: o poeta quer cantar amor, mas seu *gusli* não acata: só ressoa o heroico som. Esse primeiro mote já entrega a postura poética de Lomonóssov no decorrer de sua carreira: sempre preferiu louvar monarcas em seus feitos, garantindo-lhes uma aura quase (ou mesmo efetivamente) divina, tanto com respeito às imperatrizes das quais foi súdito obediente, quanto ao principal herói que celebrou, Pedro, o Grande — inclusive em um poema épico inacabado e sempre colocado nas odes como elemento de comparação do passado quanto aos monarcas presentes.

Na ode seguinte, enumerada 23 na edição de madame Dacier (36 West), temos outra característica da poesia anacreônica, o lamento pela velhice e pela finitude da vida. Aqui o poeta expressa o desejo da possibilidade de afastar a morte subornando-a, refletindo outro princípio da poesia anacreônica, o desprezo pelo ouro e a pompa, na insistência de uma poética da simplicidade. Aqui o poeta tão somente juntaria dinheiro para que, ao subornar a morte, ela lhe desse alguns anos a mais de vida. O poema termina em polaridade negativa, com o complemento ao lamento do poeta na pergunta retórica, não seria melhor aproveitar a vida sem se preocupar com a morte?

¹² Cf. Lomonóssov, 1959, p. 1063-1067.

¹³ Drage, 1962, p. 112, nota 3.

¹⁴ West: 23, 36, 07, 16.

¹⁵ O uso da palavra não foi novidade de Lomonóssov, uma vez que foi empregada por outros poetas da mesma geração para se referirem à lira grega, como Trediakóvski e Sumarókov.

Lomonóssov responde também em uma polaridade invertida, ressaltando a posição de Anacreonte: chama-o de grande filósofo, sempre coerente em seus atos com suas palavras. A lamentação desempenhada pelo velho poeta, portanto, é nada mais que decorrência de suas escolhas éticas. Ao fim a postura “epicurista” de Anacreonte é ironicamente contrastada com a postura de um dos mais famosos filósofos estoicos, Sêneca, afirmando que as leis prescritas por ele estão além do que pode suportar uma pessoa.

No seguinte poema, 11 na edição de Dacier (7 West), temos outra reflexão, desta vez não tão lamentosa acerca da velhice, agora na imagem de meninas mostrando ao velho poeta grego um espelho para que ele veja a tristeza de sua aparência atual. O verso grego é: *prepei to terpna paizein*.¹⁶ a um velho, convém fruir o agradável, fazer brincadeiras agradáveis, em suma, aproveitar a vida na mesma medida em que vê o fim se aproximando. Neste poema o que se ressalta é a tópica de aproveitar a existência enquanto ela existe em uma variante do *carpe diem* horaciano. Na tradução, no entanto, há uma pequena diferença com relação ao original grego. Lomonossóv atenua a expressão com o uso de *veselítsia*, que, apesar de poder ter o sentido de aproveitar a vida,¹⁷ pode também indicar o alegrar-se simplesmente porque a morte está se aproximando e ele vai abandonar a condição lamentável de velho. A tradução pode ter incluído um elemento de lamentação que não está no original, mas isso não importa, ela serve bem à resposta engendrada pelo polímata.

A resposta aqui é talvez a mais característica de toda a composição: Lomonóssov compara esta posição ética do hedonista Anacreonte, com a de outro estoico, que também morreu por seus princípios, colocados muito acima de quaisquer prazeres vãos que a postura do poeta grego representa. Essa figura é Catão de Útica, o mais empedernido dos defensores da República Romana contra os avanços autocráticos representados por Júlio César. Catão fala diretamente em um tom um tanto agressivo, rebaixando completamente o “macaco gris” em sua postura frívola. Às brincadeiras bestas que Anacreonte representaria Catão responde com seus feitos políticos que culminaria com a morte do tirano que ameaçava a República. Após a participação direta do senador que teve seu fim em Útica, norte da África, a voz do poeta retorna, comparando a postura dos dois antigos em dísticos: no primeiro verso coloca uma postura de Anacreonte, no segundo rebate com outra, representando a postura de Catão. Ao final, ele deixa que o leitor julgue por si só.

¹⁶ West, 2013, p. 5.

¹⁷ Voinova-Starets: alegrar-se, divertir-se. O dicionário de língua russa do séc. XVIII (Sorôkin, 1984-1991) dá a entrada “*Быть веселым, довольным, счастливым; радоваться*” (ficar feliz, satisfeito, contente; alegrar-se).

Formalmente essa resposta é também bastante interessante. Até aqui Lomonóssov usou nas traduções e nas respostas o trímetro iâmbico russo, como posto em sua Carta, contendo três pés iâmbicos, alternando rimas masculinas e femininas. Lomonóssov usa este metro para traduzir das Anacreônicas dois dos principais metros usados, o trímetro iâmbico catalético (ou hemiambo) (poema 1/23W, 11/7W e 23/36W) e o anacreônico (dímetro iônico anaclástico) (23/16W). Não convém aqui entrar em detalhes com relação aos metros gregos,¹⁸ mas Lomonóssov traduz os 3 primeiros mantendo a correspondência do número de sílabas do original no mesmo ritmo iâmbico original.

Na resposta ao poema 11, no entanto, Lomonóssov muda radicalmente o metro, escolhendo a mesma forma que usou para a criação de poemas de matéria e gênero dos mais elevados. O hexâmetro iâmbico foi o mesmo metro usado para os dois cantos completados de sua Petríada, poema épico planejado sobre os feitos de Pedro, o Grande. Foi um metro também usado para gêneros como o epistolar, de elevação média, mas de características narrativas ou expositivas, e outros como a Inscrição, gênero breve, porém elevado, escrito para ornar artefatos celebrando monarcas, como estátuas e iluminuras. Ao usar o hexâmetro iâmbico aqui, Lomonóssov dá a seu poema, pela variedade métrica, uma variedade elocutiva também que somente torna o poema mais interessante.

Finalmente, no último par de afirmações/respostas temos um dos mais famosos poemas anacreônicos, o poema do pintor. Instando um pintor de Rodes a pintar sua amada, o poeta pratica o recurso muito usado na poesia antiga de descrever determinado objeto, a êcfrase, ou descrição. Ao descrever como o pintor deve pintar sua amada, o poeta acaba criando ele mesmo uma obra de arte representada ao ponto de terminá-lo com o *parla* que Michelangelo ao terminar o seu Davi teria dito para a estátua. A tópica, como se vê é mais antiga, e a ordem para uma obra de arte tão bem representativa da realidade é o indício principal de sua perfeição.

Lomonóssov responde a essa última tradução com sua profissão final de fé, sua verdadeira orientação poética. Em vez de pintar a amada, Lomonóssov pede para que o pintor pinte sua Mãe, a representação máxima de sua Rússia, o império de que o polímata-poeta teve tanto orgulho. A êcfrase do retrato da amada é transferida para uma a descrição alegórica em que se representam as principais características do país em uma maneira ódica, muito semelhante à representação feita das monarcas em suas principais odes. À grande mãe do patriótico poeta são atribuídas por exemplo características de fartura alimentícia (úberes em leite ricos), poderio militar (braço e mãos fortes).

¹⁸ Para maiores detalhes dos metros gregos e um panorama bastante adequado da poesia anacreônica na Rússia cf. Drage, 1962.

O metro aqui também tem particularidades. O metro anacreônico original é vertido não mais em trímetros iâmbicos russos, mas em tetrâmetro trocaico, na prática um heptassílabo. A este metro, geralmente baixo, usado em gêneros de elocução leve, tratando de matéria ligeira, Lomonósov responde em seu metro ódico, o por excelência mais elevado segundo o próprio polímata em sua Carta e que depois se tornaria o metro reinante entre os destacados poetas russos: o tetrâmetro iâmbico. Respondendo ao metro ligeiro anacreônico com o metro cuja elevação iâmbica “serenamente erguendo-se, amplificam a nobreza, a altivez e a magnificência da matéria”,¹⁹ Lomonósov eleva a matéria frívola anacreônica para a dignidade e pompa que merece a sua voz: o louvor da pátria e da nação. Para isso ele tem que usar um metro que julga apropriado. A Mãe Rússia é para Lomonósov o mais importante tema poético e a palavra elevada e solene, algo que sempre irá sobrepor-se à poesia leve de baixa elocução, pelo menos nesse momento de glória e esperança para a o império de que ele se orgulhava tanto.

IV.

Para a tradução deste poema busquei manter correspondências estritas nos cinco primeiros trechos, em que traduzi, quando possível, em trímetros iâmbicos com rimas alternadas. Houve momentos em que o andamento iâmbico não se manteve, decaindo em um simples hexassílabo. Na resposta à ode IX, mantive o hexâmetro iâmbico com alexandrinos simples sem ater-me à alternância tônica das rimas do original, apenas o esquema aparente. Na última alternância acrescentei inovações próprias. O poema anacreônico está em heptassílabos, seguindo o original em metro anacreônico,²⁰ mas na resposta de Lomonósov traduzi os tetrâmetros iâmbicos por decassílabos heroicos. Dessa forma, mantive uma correspondência analógica com o original, isto é, relativas à sua representação cultural em cada uma das poesias, de modo a ressaltar a elevação e solenidade proposta por Lomonósov.²¹

Pela constrição, adotei rimas soantes para não destoar demais da semântica do original, e, em casos extremos, as ignorei, tentando manter ao menos o esquema de alternâncias tônicas. Por se tratar de tradução de tradução, não me baseei nos originais gregos da anacreônicas usando-os tão somente para verificar os procedimentos tradutórios de Lomonósov.

¹⁹ Frate, 2016, p. 189.

²⁰ Dímetro jônico anaclástico. Cf. Drage, 1962, p.111.

²¹ Exponho essas ideias em Frate, 2015.

<p>Разговор с Анакреоном</p> <p>Анакреон – Ода I</p> <p>Мне петь было о Трое, О Кадме мне бы петь, Да гусли мне в покое Любовь велят звенеть. Я гусли со струнами Вчера переменил И славными делами Алкида возносил; Да гусли поневоле Любовь мне петь велят, О вас, герои, боле, Прощайте, не хотят.</p> <p>Ломоносов – Ответ</p> <p>Мне петь было о нежной, Анакреон, любви; Я чувствовал жар прежней В согревшейся крови, Я бегать сталперстами По тоненьким струнам И сладкими словами Последовать стопам. Мне струны поневоле Звучат геройский шум. Не возмущайте боле, Любовны мысли, ум; Хоть нежности сердечной В любви я не лишен, Героев славой вечной Я больше восхищен.</p> <p>Анакреон – Ода XXIII</p> <p>Когда бы нам возможно Жизнь было продолжить, То стал бы я не ложно Сокровища копить, Чтоб смерть в мою годину, Взяв деньги, отошла И, за откуп кончину Отсрочив, жить дала; Когда же я то знаю, Что жить положен срок, На что крушусь, вздыхаю, Что мзды скопить не мог;</p>	<p>Conversa com Anacreonte</p> <p>Anacreonte – Ode I</p> <p>Cantar Tróia eu queria E Cadmo cantar, E o gúsli em calmaria Amor manda soar. O gúsli com suas cordas Eu ontem permutei E, em seus feitos e glórias, Alcides eu alcei. E o gúsli não acata: Manda cantar amor; De vós heróis já basta, Perdoai, por favor.</p> <p>Lomonóssov – Resposta</p> <p>Cantar queria eu o doce, Anacreonte, amor; Senti queimar, precoce, No sangue o seu ardor. Passei com os meus dedos Nas cordas tão sutis E com dizeres ledos Pé ante pé seguir. E as cordas não acatam: Ressoa o heroico som. Já não mais me arrebatam Delírios da paixão; E posto que a sincera Ternura eu não perdi, De heróis a glória eterna Confesso, preferi.</p> <p>Anacreonte – Ode 23</p> <p>Se fosse a nós possível A vida prolongar, Iria eu, não minto, Um tesouro juntar Pr'a morte em minha hora Com a prata se afastasse e, subornada, agora o fim me prolongasse. Quando lembro do fato Que há um prazo do viver, Eu gemo, me maltrato Por paga não haver.</p>
--	---

<p>Не лучше ль без терзанья С приятельми гулять И нежны воздыханья К любезной посылать.</p> <p>Ломоносов – Ответ</p> <p>Анакреон, ты верно Великой философ, Ты делом равномерно Своих держался слов, Ты жил по тем законам, Которые писал, Смеялся забобонам, Ты петь любил, плясал; Хоть в вечность ты глубоку Не чаял больше быть, Но славой после року Ты мог до нас дожить: Возьмите прочь Сенеку, Он правила сложил Не в силу человеку, И кто по оным жил?</p> <p>Анакреон – Ода XI</p> <p>Мне девушки сказали: «Ты дожил старых лет», И зеркало мне дали: «Смотри, ты лыс и сед»; Я не тужу ни мало, Еще ль мой волос цел, Иль темя гладко стало, И весь я побелел; Лишь в том могу божиться, Что должен старичок Тем больше веселиться, Чем ближе видит рок.</p> <p>Ломоносов – Ответ</p> <p>От зеркала сюда взгляни, Анакреон, И слушай, что ворчит, нахмурившись, Катон: «Какую вижу я седую обезьяну? Не злость ли адская, такой оставя шум, От ревности на смех склонить мой хочет ум? Однако я за Рим, за вольность твердо стану, Мечтаниями я такими не смущусь И сим от Кесаря кинжалом свобожусь».</p>	<p>Não é melhor sem curas Com os amigos fruir E sopros de ternura Pela amada sentir?</p> <p>Lomonóssov – Resposta</p> <p>Realmente, Anacreonte, Filósofo és, sem par, Aos atos, coerente, Igualaste o falar. Viveste a vida inteira De acordo com tuas leis, Rias com brincadeiras, Dançavas com avidez; Ainda que pelo eterno Contasses não mais ser, Por glória, além do termo, Conseguimos te ter. Assim tome-se Sêneca: Leis estabeleceu Além da força humana. Quem por elas viveu?</p> <p>Anacreonte – Ode XI</p> <p>Meninas me disseram: “Viveste anos demais”, E um espelho me deram: “vês? calvo e cinza atrás!”; Eu já não ponho luto Por mechas não mais ter, ser liso o cocuruto e pálida minha tez. Só isto jurar posso: A um velhote convém Tanto mais comprazer-se Quão mais perto o fim vê.</p> <p>Lomonóssov – Resposta</p> <p>Do espelho, Anacreonte, afasta tua visão E ouve o que nos diz, crispando-se, Catão: “Mas que macaco gris, eu tenho em minha frente? É maldade infernal, pondo-se a trovejar, Que o meu juízo quer em deboche tornar? Por Roma firme sou, por liberdade sempre, Não posso perder tempo em simples sonhos vão E a ela então de César livrarei com minhas mãos.”</p>
--	---

<p>Анакреон, ты был роскошен, весел, сладок, Катон старался ввести в республику порядок, Ты век в забавах жил и взял свое с собой, Его угрюмством в Рим не возвращен покой; Ты жизнь употреблял как временну утеху, Он жизнь пренебрегал к республике успеху; Зерном твой отнял дух приятной виноград, Ножом он сам себе был смертный сопостат; Беззлобна роскошь в том была тебе причина, Упряжка славная была ему судьбина; Несходства чудны вдруг и сходства понял я, Умнее кто из вас, другой будь в том судья.</p>	<p>Anacreonte és rico em sua doçura lúdica; Catão quis devolver a ordem à República. Tu viveste ao prazer, consigo e nada mais; Pela obstinação ele perdeu a paz. Em larga folga tu galgaste toda a vida; A vida dele foi à causa preterida. Das vinhas tu tiraste o mel do bacanal; Com a faca ele de si foi déspota fatal. O luxo inócua é aquilo que te anima; Em glória ele, tenaz, selou a própria sina. O díspar e igual claro está para mim, Que o mais sábio entre vós juiz seja no fim.</p>
<p>Анакреон – Ода XXVIII</p>	<p>Anacreonte – Ode 28</p>
<p>Мастер в живописстве первой, Первой в Родской стороне, Мастер, научен Минервой, Напиши любезну мне. Напиши ей кудри черны, Без искусных рук уборны, С благовонием духов, Буде способ есть таков.</p>	<p>Grande mestre da pintura, Primo na Rodes natal, Douto por Minerva Pura, À minha amada pinta igual! Pinta os seus cachinhos negros, Não tocados por maus dedos, Com perfume a recender, Sê um meio de ela ser.</p>
<p>Дай из роз в лице ей крови И как снег представь белу, Проведи дугами брови По высокому челу, Не сведи одну с другою, Не расставь их меж собою, Сделай хитростью своей, Как у девушки моей;</p>	<p>Dá à face um rubor rosa E da neve o belo alvor, Faz em arco as sobrancelhas Na alta fronte com rigor, Não as una uma com a outra, Nem separe em sua metade Faze com toda perícia Como na minha menina.</p>
<p>Цвет в очах ее небесной, Как Минервин, покажи И Венерин взор прелестной С тихим пламенем вложи, Чтоб уста без слов вещали И приятством привлекали И чтоб их безгласна речь Показалась медом течь;</p>	<p>Em seus olhos cor celeste, Tal Minerva, representa E tal Vênus o olhar veste Com uma chama que acalenta Que sua boca sem palavras Fale e encanto com suas graças E que a fala sem a voz Seja um rio de mel na foz.</p>
<p>Всех приятностей затеи В подбородок умести И кругом прекрасной шеи Дай лилеям расцвести, В коих нежности дышаюг, В коих прелести играют</p>	<p>Um regalo de prazeres Para o seu queixinho traz E ao redor de seu rostinho Faz florir lírio vivaz; De onde fluem delicadezas, E entre si brincam belezas,</p>

<p>И по множеству отрад Водят усумненной взгляд;</p> <p>Надевай же платье ало И не тщись всю грудь закрыть, Чтоб, ее увидев мало, И о прочем рассудить. Коль изображенье мочно, Вижу здесь тебя заочно, Вижу здесь тебя, мой свет; Молви ж, дорогой портрет.</p> <p>Ломоносов – Ответ</p> <p>Ты счастлив сею красотою И мастером, Анакреон, Но счастливей ты собою Чрез приятной лиры звон; Тебе я ныне подражаю И живописца избираю, Дабы потщился написать Мою возлюбленную Мать.</p> <p>О мастер в живописстве первой, Ты первой в нашей стороне, Достоин быть рожден Минервой, Изобрази Россию мне, Изобрази ей возраст зрелой И вид в довольствии веселой, Отрады ясность по челу И вознесенную главу;</p> <p>Потщись представить члены здравы, Как должны у богини быть, По плечам волосы кудрявы Признаком бодрости завить, Огнь вложи в небесны очи Горящих звезд в середине ночи, И брови выведи дугой, Что кажет после туч покой;</p> <p>Возвысь сосцы, млеко обильны, И чтоб созревша красота Являла мышцы, руки сильны, И полны живости уста В беседе важность обещали И так бы слух наш ободряли,</p>	<p>Trazem um prazer sem par Pelo seu furtivo olhar.</p> <p>Veste-lhe com rubro manto Sem todo o seio esconder, A quem só parte, mirando, Possa o resto conceber. Quanto a mente lhe dá forma, Sem olhar imagem torna, Aqui vejo-te, minha luz, Fala ó meu retrato, sus!</p> <p>Lomonósov – Resposta</p> <p>Bem te contentas com esta beldade E com tamanho mestre, Anacreonte. Mas nada além te dá felicidade Além da tua lira deleitante. Agora eu é que a ti emulo E a um novo pintor eu estímulo A pintar uma nova retratada: A minha gloriosa Mãe amada.</p> <p>Ó, grande mestre primo na pintura, Maior que há em nosso país natal, Sejas tu digno de Minerva Pura, E à minha Rússia pinta uma igual. Pinta sua grandeza tão madura E sua visão de alegria assegura, Deleite claro põe em sua fronte E sua cabeça erguida sempre adiante.</p> <p>Procura desenhar saudáveis membros Assim como uma deusa deve ter, E pelos ombros tenha os cachos soltos Como um sinal de força a pender. Põe fogo em seu celeste olhar De estrelas à meia-noite a queimar, E de suas sobranceiras um arco faz, Que findada a tormenta indica a paz.</p> <p>Seus úberes soergue, em leite ricos, E para ser perfeita a sua beleza Com braço musculoso e mãos pujantes, E face plena de vital nobreza E mostrar no colóquio a fala séria E tanto agradar a nossos ouvidos Como do cisne a pura voz</p>
---	---

<p>Как чистой голос лебедей, Коль можно хитростью твоей;</p> <p>Одень, одень ее в порфиру, Дай скипетр, возложи венец, Как должно ей законы миру И распрям предписать конец; О коль изображенье сходно, Красно, любезно, благородно, Великая промолви Мать, И повели войнам престать.</p> <p style="text-align: right;">Между 1756 и 1761</p>	<p>Com todo teu engenho mostra a nós.</p> <p>E com vestidos púrpuras a veste Dá-lhe um cetro, põe-lhe uma coroa, Como ela ao mundo com lei incontestada Um fim à rixa pode comandar. Ah quão digno é este retrato, Quão belo, gracioso e sempre grato. Ó grande mãe, profere a tua voz E acaba de uma vez com a guerra atroz.</p> <p style="text-align: right;">Entre 1756 e 1761</p>
---	---

Referências

BAEHR, S. L. *From history to national myth: Translatio imperii in Eighteenth Century Russian Review*, v. 37, n. 1 (p. 1-13). 1978.

FRATE, R. *Como verter um sistema métrico*. TradTerm, 28. p. 180-190. São Paulo, 2015.

_____. *Mikhail Vassílievitch Lomonóssov: uma apresentação*. Dissertação de mestrado. São Paulo, 2016.

DUDGEON, C.L. *The Anacreontea and the 18th Century Russian Poetry in The Slavonic and East European Review*, vol. 41 No. 96 (pp. 110-134). 1962.

HAMILTON, J.T. *Soliciting Darkness. Pindar, obscurity and the classical tradition*. Harvard UP. Cambridge, MA, 2003.

KAHN, Andrew. *Readings of Imperial Rome from Lomonosov to Pushkin*. In: *Slavic Review*, vol. 52 no. 4 (pp. 745-768). 1993.

LOMONÓSSOV, M.V. *Polnoe sobranie sotchiniênii. Tom 8, Poezia, oratórskaia proza. Nadpisi*. Izdatelstvo. Akademiï Nauk SSSR. Moscou, 1959.

WEST, Martin. *Carmina Anacreontea*. Teubner, Stuttgart/Leipzig, 1993.